

A Evolução Das Relações Exteriores Normandas E O Surgimento Da Rivalidade Entre Os Reinos Da França E Da Inglaterra

Matheus Brum Domingues Dettmann¹

*The Evolution Of The Norman External Relations And The Emergence Of The Rivalry
Between The Kingdoms Of France And England*

Resumo

Durante o período medieval, um dos conflitos mais importantes e persistentes foi o travado entre os reis franceses e ingleses, sobretudo entre os séculos XI e XV. Podemos inclusive observar como essa disputa convergira em um dos conflitos bélicos mais ilustres de toda a história medieval, a Guerra dos Cem Anos nos séculos finais do período medieval. O presente trabalho busca analisar como essa rivalidade entre estes dois grandes reinos da cristandade medieval se iniciou, em especial qual o papel do Ducado da Normandia e da evolução de sua política externa nas relações anglo-francesas medievais. Para isso realizaremos um estudo crítico de duas importantes fontes, a *Gesta Normannorum Ducum* e a *Gesta Regum Anglorum*.

Palavras-Chaves: Rivalidade; Política; Anglo-Normando.

Abstract

During the medieval period, one of the most important and persistent conflicts was the one between the French and English kings, especially between the XI and XV centuries. We can even observe how this dispute converged in one of the most illustrious war conflicts of all medieval history, the Hundred Years War in the late medieval period. The present work seeks to analyze how this rivalry between these two great kingdoms of medieval Christianity began, especially the role of the Duchy of Normandy and the evolution of its foreign policy in medieval Anglo-French relations. For this we will carry out a critical study of two important sources, the *Gesta Normannorum Ducum* and the *Gesta Regum Anglorum*.

Keywords: Rivalry; Politics; Anglo-Norman.

¹ Graduando em História pela Universidade Federal Fluminense.

Durante o período da Baixa Idade Média, uma das disputas políticas mais impactantes do continente europeu, foi o conflito entre os reinos da França e da Inglaterra. Esse conflito se desdobraria em séculos de guerras e disputas, convergindo por fim na famosa Guerra dos Cem Anos, ocorrida no final do período medieval, mas cujos resultados teriam efeitos diretos nas políticas do início da Idade Moderna.

Primeiramente, algumas questões podem ser levantadas a respeito das configurações políticas do período que envolvia as casas reais capetúgia e normanda, e depois também a Casa de Anjou. Afinal qual seria a causa para o início desta rivalidade entre os monarcas ingleses e franceses? Como o Reino da Inglaterra passou a se envolver tão ativamente nos assuntos socioeconômicos e políticos do mundo franco e a ter uma influência tão grande dentro da geopolítica da França medieval? Por fim, como esta rivalidade ajudou a moldar o contexto político da Europa medieval do período, e como foi afetada por este?

Parece lógico traçarmos as origens dessa disputa até o século XI, pelo fato de não haver registros de nenhuma grande animosidade específica ou relações problemáticas entre os reinos dos anglo-saxões ao norte e os principados francos ao sul. De certa forma, os reinos ingleses parecem consideravelmente afastados dos assuntos internos do mundo franco e das disputas por terra e poder que eram vivenciadas no continente europeu no período.

Desta forma, podemos supor que esta desavença entre ingleses e franceses teria sua origem ao longo do século XI. Desta suposição emerge uma pergunta, se ocorreu algum evento que poderia ter impactado tão drasticamente a natureza da política externa inglesa neste século? A resposta parece residir em um dos acontecimentos mais marcantes não apenas da história medieval em si, mas também de toda a história europeia como um todo, a conquista normanda do Reino da Inglaterra por Guilherme, o conquistador, em 1066.

Parece lógico que a ascensão de um dos vassalos mais importantes e poderosos do rei dos francos ocidentais a posição de rei da Inglaterra seja o grande motivo para uma mudança tão determinante nas relações de poder entre os dois reinos banhados pelo Canal da Mancha. Além disso, a subida de Guilherme e de seus descendentes, estes por sua vez ainda vassalos dos reis francos da dinastia capetúgia, a posição de reis do território além-mar teria um efeito direto para o novo posicionamento dos capetúgios em relação a casa real inglesa.

O presente trabalho busca analisar como a política externa do Ducado da Normandia teve um papel fundamental no surgimento da rivalidade entre os reinos de França e Inglaterra. Assim, buscaremos analisar primeiramente a dinâmica e evolução das relações exteriores normandas e inglesas até o ano de 1066 e a vitória de Guilherme na Inglaterra, com um maior destaque para a relação entre os soberanos normandos e os reis francos ocidentais.

Em seguida buscaremos demonstrar como a construção de um mundo anglo-normando traz a Inglaterra em definitivo para as disputas políticas internas do mundo franco.

Além disso, não podemos esquecer que a partir do século XII, após o período conhecido como Anarquia, no qual o rei Estevão I e a sua prima Matilda disputaram o controle sobre o reino inglês, que tanto o Reino da Inglaterra quanto o Ducado da Normandia passam as mãos do filho de Matilda com Geoffrey V de Anjou, Henrique. Dessa forma nasce o chamado império angevino, já que Henrique e da casa de Anjou por seu pai, uma das forças políticas mais poderosas e importantes deste período medieval.

Portanto, não é possível realizar essa pesquisa sem analisar também as relações existentes entre o Condado de Anjou e as dinastias normanda e capetíngia. Tentaremos então entender como a formação do império angevino influenciou e pode ser entendida dentro do quadro de relações políticas do mundo franco, e como sua união com a Casa Real Normanda mudaria completamente o posicionamento dos angevinos com relação ao seu suserano, o monarca franco.

Para esta finalidade realizaremos uma leitura crítica de algumas crônicas anglo-normandas do período. As principais fontes utilizadas nesse trabalho sendo a *Gesta Normannorum Ducum* em sua versão posterior escrita por Roberto de Torigni, por considerar ela uma versão mais completa desta importante obra, e a *Gesta Regum Anglorum* de Guilherme de Malmesbury, ambas as obras terminadas durante o século XII.

Assim, julgo de grande importância tratar primeiramente sobre a fonte em si e seus autores. A *Gesta Normannorum Ducum* é escrita inicialmente pouco tempo após a conquista de Guilherme da Inglaterra, por um clérigo da Abadia de Jumièges na Normandia, de nome Guilherme. Guilherme de Jumièges, como já foi dito, escreve esta obra no contexto da vitória de seu homônimo e protetor, o duque Guilherme na Inglaterra, sendo assim uma obra dedicada a enaltecer a dinastia normanda e seus feitos, em especial os eventos mais recentes da conquista do reino inglês, e de certa forma legitimar a conquista normanda como um ato louvável e honroso.

Guilherme de Jumièges utiliza muito, sobretudo no que tange a parte inicial de sua obra, que relata a vida dos primeiros soberanos normandos, a obra de outro importante autor da historiografia normanda, Dudo de Saint-Quentin. A obra de Dudo, *De moribus et actis primorum Norminniae ducum* foi sem dúvida uma grande referência no trabalho de Juimièges, embora como salienta Elisabeth Van Houts, não podemos acreditar que esta primeira parte da Gesta seja somente uma cópia da crônica de Dudo, pois como Van Houts afirmou, Guilherme emprega somente o que melhor se encaixa em sua própria obra, além de

usar outras crônicas como fonte, fazendo de seu trabalho uma obra totalmente original (VAN HOUTS, 1980).

Contudo, como foi dito por Van Houts, a crônica de Jumièges, como tantos outros documentos sobreviventes do período medieval não é o trabalho de um único homem apenas (VAN HOUTS, 1980). Pelo contrário, a Crônica foi continuada e acréscimos foram feitos ao longo dos séculos. Dentre os cronistas que contribuíram na formação de crescimento da Gesta podemos destacar ao menos duas importantes figuras da intelectualidade medieval, Oderico Vital, religioso da Abadia normanda de Saint-Evroul, e Roberto de Torigni, durante muito tempo um membro da abadia de Bec, também na Normandia.

Escolhemos esta última versão de Roberto de Torigni, por considera-la uma obra muito mais completa e abrangente. Esta versão não se limita a relatar somente até a morte do conquistador, mas continuando seu relato para dentro das vidas dos filhos de Guilherme, suas guerras e seus governos, terminando com a morte de Henrique I, filho do conquistador e rei da Inglaterra e duque da Normandia em 1135, já em pleno século XII.

Além deste fato, a obra de Roberto ganha uma riqueza maior como fonte histórica, pois se trata de um trabalho construído e que evolui ao longo dos anos, junto com a própria Normandia e o mundo anglo-normando. Assim, esta obra escrita durante um período de tão importantes e marcantes transformações do mundo normando, permite um testemunho mais detalhado e preciso destas mudanças ocorridas na Normandia, sobretudo entre os séculos XI e XII, quando a rivalidade entre os reis ingleses e franceses parece ter tido sua origem e consolidação.

Por fim, cabe relatar um pouco sobre a forma e estrutura da Gesta. O trabalho iniciado por Jumièges e finalizado por Torigni apresenta oito livros. O primeiro relata sobre o período das invasões nórdicas e sua devastação na Francia Ocidental, o segundo trata da vida e do governo do primeiro soberano normando, o chefe escandinavo Rollo, o terceiro aborda o governo do filho de Rollo, Guilherme Longa-espada, o quarto relata a vida de Ricardo I sem medo, filho de Guilherme, o quinto se concentra em Ricardo II, o bom, filho de Ricardo sem medo, o sexto trata sobre os filhos de Ricardo II, Ricardo III, que teve um governo bastante curto na Normandia, e Roberto o magnífico.

Finalmente, o sétimo livro relata a vida e feitos de Guilherme, o conquistador, filho de Roberto e o oitavo e último livro retrata a vida dos filhos de Guilherme, com especial detalhe para o que se sagraria grande vencedor das disputas com seus irmãos pela herança do pai, Henrique I. O mais provável é que todo este último livro seja um acréscimo de Torigni,

não sendo possível que Jumièges escrevendo na década de 1670 tivesse acesso às informações presentes em seu conteúdo.

Já sobre o outro documento a ser abordado, a *Gesta Regum Anglorum*, parece ter sido terminada por volta do ano de 1125, durante o governo de Henrique I na Inglaterra e Normandia. Seu autor foi Guilherme de Malmesbury, nascido entre 1095 e 1096 em Wiltshire educado no monastério de Malmesbury. Guilherme de Malmesbury vivenciou um contexto completamente diferente de seu homônimo de Jumièges. Enquanto O monge de Jumièges escreve logo após a conquista normanda da Inglaterra sobre a proteção do duque e agora rei Guilherme, Malmesbury escreve em um período onde a conquista normanda na Inglaterra já está consolidada, realizando sua obra dentro deste mundo anglo-normando.

Na realidade, o próprio autor pode ser entendido como um fruto desta união do reino inglês a esfera normanda, uma vez que sua mãe era inglesa, ou seja, de origem anglo-saxã, e seu pai era um normando. Podemos inclusive observar essa dualidade em seu texto, uma vez que diferente de Jumièges que aborda somente a história da Normandia, e de outros lugares somente quando estes se entrecruzam com as vidas dos soberanos normandos, Malmesbury busca escrever em sua obra uma história muito mais abrangente sobre o Reino da Inglaterra, iniciando seu relato desde a fundação dos primeiros reinos anglo-saxões na Britania em pleno século V, após o fim do período de domínio romano na ilha.

Ao que tudo indica, a obra foi encomendada pelo filho bastardo mais velho de Henrique I, Roberto conde de Gloucester, uma das grandes lideranças da causa de sua meia-irmã Matilda durante a Anarquia, o que pode ser atestado pela dedicatória feita por Malmesbury a ele no início do texto. É provável que Roberto tenha encomendado a obra sobre orientação de seu pai, o rei Henrique, para ser enviada a seu herdeiro no governo do mundo anglo-normando.

Lidamos neste ponto com um momento muito determinante da história anglo-normanda. Este é o período após uma série de intensas guerras entre os filhos de Guilherme pela sua herança, das quais Henrique se sai vitorioso e finalmente consegue reunificar a Normandia e a Inglaterra na figura de um governante único. Contudo, a estabilidade tão arduamente conquistada por Henrique se vê ameaçada pela morte de seu único filho legítimo e herdeiro Guilherme Atelingo em um naufrágio de um navio que saía da Normandia rumo a Inglaterra.

Henrique então está numa situação que pode pôr em risco tudo que ele construiu após sua morte. O rei então aponta sua única filha legítima a imperatriz Matilda, como sua herdeira e faz com quem os grandes homens de seu reino aceitem e jurem aceitar ela como

rainha e duquesa. Porém, assim que Henrique morre em 1135, seu sobrinho, Estevão de Blois, toma para si o governo de Inglaterra e Normandia, iniciando o já mencionado período da Anarquia, onde vemos a disputa entre os dois primos Matilda e Estevão pelo domínio da herança de Henrique I.

No contexto desta indecisão sobre sua sucessão, parece muito provável que Henrique tenha orientado a compilação desta obra que relata as vidas dos reis ingleses desde os primórdios até o próprio Henrique, a fim de legitimar sua linhagem como os herdeiros legítimos do reino inglês. Além disso, a forma como remonta a estes primeiros soberanos anglo-saxões pode ser entendida como o grande desejo de Henrique em legitimar e consolidar sua posição enquanto monarca da Inglaterra, uma tarefa que ele se esforça para realizar desde que toma para si a coroa da Inglaterra com a morte de seu irmão, o rei Guilherme II, em 1100.

Como foi dito por Van Houts, outra marca desta busca por legitimação na Inglaterra sendo seu casamento com a filha de Malcolm III da Escócia, Edith (Houts, 1980). Este casamento tem grande importância para Henrique, pois Edith é filha de Margarida da Escócia, filha de Eduardo, o exilado. Desta forma ele unifica a nova casa dominante normanda a antiga casa real anglo-saxã de Wessex, que governara o Reino da Inglaterra por gerações. Assim, Henrique se utiliza desse casamento a fim de legitimar sua posição como monarca dos ingleses, atrelando a casa normanda à casa real de Wessex.

Sobre a estrutura da obra em si, seu conteúdo e formado por quatro livros. O primeiro relata a chegada dos anglo-saxões a Britania, a formação e consolidação de seus reinos, e faz uma narrativa da história dos mais importantes destes reinos anglo-saxões, como Wessex e Nortumbria. Além disso, o primeiro livro também apresenta breves passagens sobre o governo de Carlos Magno no continente. O segundo livro trata de governantes que trabalharam para a formação de um reino inglês uno, ou que governaram um Reino da Inglaterra já como um todo, como Alfredo, o grande, Etereldo II, Canuto, o grande e Eduardo, o confessor.

O terceiro livro se inicia com a vitória e conquista normanda da Inglaterra e se estende por todo o governo de Guilherme enquanto rei e duque, até sua morte em 1087. O quarto e último livro aborda a vida e o governo dos filhos de Guilherme, tratando das longas disputas entre eles, e da vitória e consolidação de Henrique I como governante único deste mundo anglo-normando, período este no qual a própria obra foi escrita.

Finalmente, cabe ressaltar que para a *Gesta Normannorum Ducum* utilizaremos a versão em francês traduzida em 1824 por François Guizot, pertencente a sua compilação de documentos relativos a história francesa em sua obra *Collection des mémoires relatifs a*

l'Histoire de France. Guizot tem um papel de destaque nesta obra, pois além de traduzir apresenta ponderações e análises críticas muito pertinentes ao documento, demonstrando o valor de sua tradução.

Para a *Gesta Regum Anglorum*, usaremos a versão de John Allen Gilles de 1947, presente em sua obra *Chronicle of the kings of England: From the earlist period to the reign of King Stephen*. Nesta obra este autor une dois trabalhos distintos de Malmesbury, *A Gesta Regum Anglorum* e *Historia Novella*. Esta obra ainda pode ser considerada a melhor tradução disponível mesmo sendo do século XIX.

Não é sem motivo que as duas fontes trabalhadas sejam traduções do século XIX. Neste período historiadores e antiquários europeus empreenderam um grande esforço para organizar, traduzir e preservar documentos importantes para a história de seus países. Entretanto, não podemos esquecer-nos de fazer um estudo cuidadoso dessas fontes, sempre atentos a possíveis equívocos, mesmo com duas traduções tão criteriosas.

Sobre o presente trabalho, na primeira parte da pesquisa iremos analisar como a política externa teve um papel fundamenta na história da Normandia desde sua fundação em 911. Em especial buscaremos demonstrar como o posicionamento normando com relação as suas alianças e relações exteriores sofreram transformações com o decorrer dos séculos de acordo com as novas realidades políticas apresentadas.

Nesta primeira parte da pesquisa abordaremos o período histórico entre a origem da Normandia em 911 e a invasão da Inglaterra pelo duque Guilherme, o conquistador em 1066. Já a segunda parte deste trabalho focara em analisar a situação geopolítica vivenciada pelo Reino da Inglaterra antes da conquista normanda, e mais importante, realizaremos um estudo dos efeitos da vitória de Guilherme sobre a política externa inglesa.

Como já foi mencionado, este trabalho tem um grande enfoque na trajetória das dinastias normanda e angevina, esta última enquanto sucessora da dinastia normanda, isso se deve em grande parte por julgarmos de grande importância o papel da dinastia normanda na criação desta rivalidade franco-inglesa e por entendê-la como uma consequência justamente destas das políticas protagonizadas pelos soberanos da Normandia.

Porém não podemos esquecer o principal objetivo desta pesquisa, que é tratar da rivalidade entre os reinos da Inglaterra e da França no período medieval. Dessa forma, ao abordarmos sobre a trajetória da dinastia normanda, devemos ter em mente sempre as dinastias reais franca e anglo-saxã se envolveram na complexa rede de relações e alianças estabelecidas pelo Ducado da Normandia, e como a anexação do reino inglês por Guilherme influenciou diretamente a política externa dos reis francos do ocidente, sobretudo com relação

as suas relações com o Reino da Inglaterra, agora uma parte efetiva do novo mundo anglo-normando.

A evolução das relações exteriores normandas

Inicialmente é preciso ter conhecimento do contexto no qual a Normandia surge em 911. Entre os séculos VIII e IX o mundo europeu medieval vivenciou o auge de um período conhecido como Era Viking. Durante estes anos, os reinos da cristandade sofreram com constantes invasões de guerreiros e aventureiros de origem escandinava. De fato, estes atacantes nórdicos não se limitaram somente a Europa, como levaram seus navios a terras tão distantes como a Groelândia e as ricas terras do oriente mediterrânico, por exemplo.

Neste período, as regiões que compõe hoje França e Inglaterra também não escaparam dos ataques dos nórdicos, na verdade tantos os reis anglo-saxões quando os príncipes francos sofreram com constantes ataques destes saqueadores dentro de seu território, tanto nas regiões costeiras quanto no interior de seus reinos. Assim, tanto a Gesta normanda quanto a obra de Malmesbury relatam vividamente os terrores e violência perpetrados por estas expedições nórdicas.

A descrição da *Gesta Normannorum Ducum* deste período é muito influenciada pela obra de Dudo de Saint-Quentin. Ela busca relatar todo o caos e destruição espalhado por estes atacantes nórdicos no território da Francia Ocidental, mostrando como sua violência se estendia por toda região seguindo a costa e o curso dos rios. A Gesta chega a dizer que a região da Nêustria ao norte teria se tornado um verdadeiro deserto graças aos ataques destes saqueadores escandinavos.

Porém, a história normanda em si se inicia somente no decorrer do segundo livro, que narra a vida e feitos do primeiro governante normando, o chefe escandinavo conhecido como Rollo. A Gesta relata como este líder nórdico, após ter seu irmão morto em uma guerra em sua terra natal, se lança ao mar com seus seguidores a fim de encontrar uma nova terra para se fixar. Em suas viagens Rollo teria ido até a Inglaterra, onde teria travado boas relações com líderes locais, e depois cruzado o Canal da Mancha para a França.

Na Francia Ocidental, mais especificamente na região da bacia do rio Sena, Rollo e seus homens se estabelecem e realizam uma série de ataques as terras do governante carolíngio. Dentre estas expedições, se destacando sua participação no grande cerco de Paris de 885 a 886, e sua posterior devastação da região da Borgonha.

Finalmente, em 911 Rollo firma um tratado com o rei franco ocidental, Carlos III, o simples, o tratado de Saint-Clair-Sur-Epte. Segundo a Gesta este tratado põe fim aos ataques e terrores nórdicos nas terras francesas. Através deste, Carlos realizam uma concessão de terras para Rollo e seus seguidores escandinavos, em troca de sua aliança como vassalos do rei Carlos e de seu batismo, ambas as condições cumpridas, inclusive com Rollo sendo batizado e renomeado com o nome cristão de Roberto, em homenagem ao seu padrinho, o soberano da Nêustria Roberto, progenitor da linhagem dos capetúngios.

Rollo por sua vez recebeu as terras ao norte, em especial na região do estuário do Sena, tendo sua corte na cidade de Rouen. Além disso, segundo a Gesta Rollo teria recebido em matrimônio uma filha legítima do rei, chamada Gisela. Então os novos soberanos escandinavos se estabeleceriam no norte francês, dando origem ao próprio nome da região, Normandia ou terra dos homens do norte. Assim, como podemos observar que desde sua origem a Normandia se vê envolvida em uma série de relações e conexões entre diferentes povos, já que a própria Normandia é uma fusão destes aventureiros escandinavos com a estrutura e população carolíngia já existente.

Neste ponto, nos defrontamos com uma das questões que mais intrigam os pesquisadores sobre a história normanda, o quanto esta presença nórdica teve influência sobre o desenvolvimento da Normandia. Para autores como Pierre Bauduin, os imigrantes escandinavos teriam rapidamente se adaptado as estruturas carolíngias, adotando suas instituições e rapidamente se integrando ao mundo franco (BAUDUIN, 2004). Para outros pesquisadores como Lauren Wood Breese, por exemplo, a presença nórdica seria vital na construção da Normandia, se referindo a mesma como um reino satélite do mundo nórdico (BREESE, 1977).

A questão desta presença nórdica vem sendo muito debatida, especialmente pela ausência de achados arqueológicos de origem escandinava região, embora Else Roesdahl salienta que mais estudos são necessários, em especial comparando com os achados de outras regiões de presença escandinava (ROESDAHL, 2003). Porém, de qualquer forma, como salienta Lesley Abrams, a maior evidencia desta influencia escandinava continua sendo os registros toponímicos da região normanda. Por exemplo, como cita Abrams, o nome Caldebec que se originaria das palavras nórdicas Kaldr que significa frio e Bekkr que significaria riacho (ABRAMS, 2013).

De qualquer forma definir a identidade normanda não é o objetivo deste trabalho, já que o que nos interessa são as relações estabelecidas pela Normandia com as populações francas e escandinavas. O fato é que pode ser observado, especialmente a partir de Guilherme

Longa-Espada, filho e sucessor de Rollo, uma grande preocupação dos soberanos normandos em manter boas relações e forjar importantes alianças tanto com reinos e populações nórdicas quanto com os outros grandes nobres da França.

Dessa forma a Normandia uma política externa dúbia, como lembra Abrams, mostrando uma face para o mundo nórdico e outra para o mundo franco. Desta forma a Normandia conseguiu se consolidar como uma grande força política e militar, e um personagem atuante tanto na esfera geopolítica franca quanto na esfera do mundo escandinavo ao norte.

Este posicionamento é muito bem exemplificado pelo governo do já mencionado Guilherme I da Normandia. Como a Gesta demonstra muito bem, Guilherme se coloca como um legítimo príncipe franco cristão, se envolvendo ativamente na política franca, como ao fazer parte dos nobres que buscam trazer Luís IV da Inglaterra para assumir a coroa franca do ocidente, por exemplo. Contudo, Guilherme também não se distanciaria do mundo nórdico, demonstrado na Gesta por sua aliança firmada com um chefe escandinavo de nome Haroldo fixado na península de Contentin, e mesmo pela grande importância dada por ele para que seu filho e herdeiro Ricardo fosse a Bayeux aprender a língua nórdica, uma evidencia que como afirma Abrams demonstra a grande importância das relações com o mundo escandinavo para o desenvolvimento da Normandia.

Esta política seria mantida pelo seu filho e herdeiro Ricardo, sem medo. Ricardo, como mostra a Gesta teria se utilizado inclusive de aliados nórdicos em seu conflito com o monarca carolíngio Luís IV, que após a morte de seu pai teria criado expectativas de retomar as terras normandas para um controle real direto. Outra particularidade do governo de Ricardo faria os caminhos da Normandia e do reino anglo-saxão da Inglaterra se cruzarem pela primeira vez.

Como Lucien Musset afirma, durante o governo de Ricardo, os ataques nórdicos voltariam a aterrorizar a Inglaterra em uma serie de expedições de pilhagem e devastação (MUSSET, 1954). A Normandia tem um papel nestes ataques, um papel como apoiadora destas expedições, uma vez que estes nórdicos encontram na Normandia um porto seguro para se abastecer e se abrigar entre seus ataques na Inglaterra, e um mercado para a venda dos lucros de sua pilhagem em terras anglo-saxãs.

Segundo Abrams, este apoio de Ricardo aos piratas escandinavos que atuavam na costa inglesa deixaria uma relação ruim ente o rei inglês Etereldo II e Ricardo (ABRAMS, 2003). A situação chega a tal ponto que o próprio papa João XV tem que intervir e mediar um acordo em 991 pelo qual os dois governantes cristãos se comprometeriam a não apoiar os

inimigos do outros, algo que como Musset lembra não foi cumprido já que os normandos continuariam a dar seu apoio aos saqueadores nórdicos. Isto, como lembra Musset teria como consequência uma invasão fracassada inglesa na costa normanda, e a tentativa posterior de se fazer a paz por meio do casamento de Etereldo com a filha de Ricardo I, Emma da Normandia (MUSSET, 1954).

Outro ponto importante do governo de Ricardo I é que a casa real carolíngia será destronada pela casa capetíngia de Hugo Capeto. Esta mudança teria consequências ao mundo normando, uma vez que, como salienta Breese, os monarcas capetíngios se constituiriam nos maiores aliados dos duques normandos (BREESE, 1977). De fato, a aliança entre os duques normandos e seus suseranos capetíngios seria de grande importância e vantagens para os dois lados, sendo digno de destaque o apoio normando prestado ao rei franco Roberto II em sua invasão da Borgonha e ao monarca Henrique I para retomar e consolidar seu reinado. Do outro lado podemos destacar o auxílio prestado por esse mesmo rei Henrique ao duque normando Guilherme II para suprimir uma revolta intensa em suas terras e finalmente se estabelecer plenamente como duque normando.

Entretanto, esta política dúbia normanda não duraria para sempre. Seu primeiro grande rompimento ocorre no governo de Roberto, o magnífico, de Normandia. Durante o governo de Roberto, podemos observar a ascensão de Canuto, o grande, que se torna rei da Dinamarca, Noruega e Inglaterra, estabelecendo um verdadeiro império do Mar do Norte. Como lembram Musset e Abrams, afim de não ser dominado e anexado para dentro desta esfera de influência de Canuto, Roberto romperá relações com o mundo nórdico e se coloca como um verdadeiro opositor de Canuto. Segundo Musset, este rompimento normando com a esfera escandinava pode ser visto, por exemplo, pela ausência de achados de moedas normandas de Roberto em territórios de domínio escandinavo, diferente das moedas de seus antecessores encontradas nestas regiões (MUSSET, 1954).

Então a Normandia sai da zona de influência nórdica com Roberto, e com seu filho Guilherme o ducado sofreria outra mudança brusca nas suas relações. Como a Gesta relata após ajudar Guilherme a derrotar seus opositores e consolidar seu ducado, o seu suserano Henrique I se aliaria ao grande opositor de Guilherme Geoffrey Martel de Anjou em dois ataques fracassados a Guilherme. Este é outro ponto determinante das relações normandas, pois como mostra Abrams, esta aliança entre angevinos e capetíngios finda a boa relação existente entre os soberanos francos e os duques normandos (ABRAMS, 2013). A relação de aliança que era proveitosa para ambos se torna uma verdadeira rivalidade e o rei e o duque se tornam grandes adversários.

A Inglaterra e o mundo anglo-normando

No que tange as relações dos reinos anglo-saxões com os monarcas francos antes da conquista normanda, não podemos observar nenhuma animosidade ou conflito específico. De fato, em muitos pontos esta relação parece pacífica e proveitosa. Podemos destacar, por exemplo, o período do governo do imperador franco Carlos Magno, onde como relata Malmesbury e possível observar uma intensa troca de correspondências entre os reinos anglo-saxões e a corte de Carlos Magno, sobretudo graças a presença de Alcuíno, um clérigo nortumbriano, ou seja, do norte da Inglaterra, que conquistaria a confiança e um papel de destaque na corte imperial franca. Neste ponto como Malmesbury relata vemos uma série de cartas trocadas entre religiosos na Inglaterra e Alcuíno, por exemplo, além de uma correspondência entre Carlos Magno e o até então grande monarca anglo-saxão, Offa da Mércia.

Contudo, a partir do século VIII ocorre um fato que muda totalmente o mundo anglo-saxão, o início das invasões nórdicas. Como conta Malmesbury as invasões escandinavas também vão ter sérias consequências na Inglaterra, com constantes ataques e expedições de pilhagem aterrorizando os reinos ingleses. Porém, estas invasões na Inglaterra terão um efeito um pouco diferente da França, pois durante o século IX, quase todos os reinos anglo-saxões serão conquistados pelos escandinavos, estabelecendo a região do Danelaw que ocupava quase toda a Inglaterra, onde as leis e os costumes dinamarqueses eram vividos.

O único reino a sobreviver às conquistas nórdicas é Wessex, graças como lembra Malmesbury ao rei Alfredo, o grande que não somente consegue manter seu reino perante os invasores nórdicos como lança as primeiras bases para reconquistar as terras tomadas pelos nórdicos além das fronteiras de Wessex. Esta política seria mantida por seus sucessores até seus netos que finalmente retomam todas as terras dos antigos reinos anglo-saxões dos conquistadores escandinavos, unificando na figura do monarca da casa de Wessex todos os reinos existentes nesta Inglaterra.

Contudo, mesmo tendo novamente um soberano anglo-saxão, esta Inglaterra continua tendo uma forte presença de comunidades escandinavas e uma grande influência nórdica. Esta situação se intensifica quando Canuto, a grande conquista a Inglaterra e a coloca no centro de seu império nórdico. Neste ponto, como salienta Musset, a Inglaterra está totalmente dentro da zona de influência escandinava, esta Inglaterra é parte deste mundo nórdico, sendo altamente influenciada e influenciando ele (MUSSET, 1958).

Assim, as relações exteriores inglesas no período estão muito voltadas para o mundo nórdico e escandinavo, podemos ver um distanciamento ainda maior da Inglaterra com relação às políticas do continente europeu. Esta situação mudaria um pouco com o retorno da casa de Wessex ao poder, com Eduardo, o confessor. Eduardo, como conta Malmesbury viveu uma boa parte de sua vida na corte de seus primos na Normandia, após seu pai Etereldo II ter perdido seu reino para os dinamarqueses. A consequência disso é, como lembra Abrams, que Eduardo buscaria sair desta esfera de influência escandinava, tentando, por exemplo, uma aproximação com a própria Normandia, vista nos normandos que Eduardo traz para posições de destaque para seu reino como o apontamento de Roberto de Jumièges a bispo de Londres e depois arcebispo da Cantuária.

Contudo, como lembra Abrams, esta influência normanda ainda é muito pequena e superficial e não acaba com a influência e forte presença nórdica vivenciada na Inglaterra de Eduardo (ABRAMS, 2013). Como afirma Musset, na Inglaterra de Eduardo, arte arquitetura, linguagem e guerra são extremamente próximas ao mundo escandinavo, de forma que mesmo com sua tentativa inicial Eduardo não consegue tirar a Inglaterra da zona de influência escandinava.

Por fim, chegamos ao ano em que as histórias de Inglaterra e França se cruzam em definitivo, o ano de 1066, sem dúvida um marco em todo o decorrer da história medieval europeia. Neste ano, o Rei Eduardo, o confessor, morre e teria indicado como seu sucessor o seu primo, o duque normando Guilherme, ao menos segundo a versão das fontes normandas como a *Gesta Normannorum Ducum*. Porém, o nobre anglo-saxão mais poderoso do reino inglês na época, Haroldo Godwinson, toma a coroa da Inglaterra para si. O que se segue a isso é uma grande guerra pelo domínio da Inglaterra envolvendo Guilherme, Haroldo Godwinson, o rei da Noruega Haroldo Hadrada e o irmão de Godwinson, chamado Tostig. Guilherme se sagra o grande vitorioso destes confrontos e no natal de 1066 é coroado rei da Inglaterra.

Após uma revolta no norte de seu novo reino de nobres anglo-saxões Guilherme inicia um processo que John Le Patourel chamou de colonização normanda na Inglaterra (LE PATOUREL, 1971). Neste período, como conta Patourel, as principais terras, cargos e títulos relevantes do reino inglês foram dados a nobres normandos, substituindo a elite original anglo-saxã por uma nova classe dominante normanda (LE PATOUREL, 1971). Como Judith Green afirmou estes nobres por sua vez confiam em grande número, os cargos e propriedades de suas novas terras inglesas a seus vassalos dentro do ducado normando, também trazendo suas famílias vassaladas para dentro do quadro político inglês (GREEN, 1989). Inicia-se a

chamada aristocracia que cruza o canal, com famílias normandas que possuem terras dos dois lados do Canal da Mancha.

Tudo isto teria um grande efeito na sociedade inglesa. Como afirma Musset, a conquista normanda tira de vez a Inglaterra da esfera de influência do mundo escandinavo e a traz de modo efetivo para dentro do contexto geopolítico europeu continental, e de modo mais específico para a realidade política franco-normanda (MUSSET, 1958). Isto pode ser visto, dentre outras formas, pela grande influência linguística, arquitetônica, artística e mesmo militar normanda que poderemos observar nesta nova Inglaterra pós-conquista, essa Inglaterra normanda.

Como já foi demonstrado por autores como Daniel Power, essa visão de Patourel de uma submissão absoluta da sociedade anglo-saxã ao mundo normando sem sobrevivências ou mesmo instituições e costumes ingleses adotados pelos próprios normandos é muito difícil de imaginar (POWER, 2004). Porém a influência normanda sobre a Inglaterra é real, principalmente seu controle político, já que agora o rei também é o duque da Normandia, e também é da casa normanda.

Dessa forma, a Normandia passa a ter controle sobre as políticas inglesas, incluindo a sua política externa e suas relações exteriores. A geopolítica normanda se une a geopolítica inglesa formando uma política externa anglo-normanda, de modo que os interesses e relações estabelecidos pelo duque antes de sua conquista da Inglaterra são levados para seu novo reino, e as relações exteriores normandas passam a ser as relações exteriores inglesas também.

Então precisamos retomar qual era a situação normanda no mundo franco antes de Guilherme cruzar o canal. A Normandia está em conflito com a poderosa aliança franco-angevino. Como vimos antes Guilherme trava importantes batalhas com estes grandes nobres francos, guerra esta que será herdada por seu filho Henrique I, que após décadas de luta com seus irmãos consegue se tornar o soberano único das terras deixadas por seu pai. Henrique terá importantes confrontos com seu suserano, o rei francês. Entretanto, como a Gesta conta, em um aspecto a política franca de Henrique se diferenciara da de seu pai.

Henrique buscara se aliar com um dos maiores inimigos da casa normanda até este momento, a Casa de Anjou. Esta aliança seria selada através do casamento, com a união do filho legítimo de Henrique, Guilherme Adelino com a filha do conde de Anjou Fulque V, Matilda de Anjou. Sem dúvida Henrique firmara esta importante aliança pensando que ela asseguraria a força normanda no continente para fazer frente aos reis francos. Porém,

inesperadamente Guilherme Adelino morre em um naufrágio enquanto navegava da Normandia para a Inglaterra.

Não desejando pôr em risco todas as conquistas de sua vida, Henrique resolve indicar como seu sucessor seu único outro descendente legítimo vivo, sua filha Matilda. Henrique também busca renovar a aliança normando-angevina casando Matilda, uma viúva do sacro imperador romano-germânico Henrique V, com o filho mais velho e herdeiro de Fulque V, Geoffrey de Anjou, desta forma conservando a união entre duas das mais poderosas famílias do reino franco. Henrique exige que seus vassallos na Inglaterra e Normandia jurem que vão apoiar a pretensão de sua filha, porém assim que o rei morre em 1135, seu sobrinho Estevão toma para si o domínio da herança de Henrique, se tornando rei da Inglaterra e duque da Normandia. Inicia-se assim o conflito entre Matilda e Estevão pela posse do reino de Henrique, num período que seria conhecido como Anarquia.

Esta aliança com os angevinos seria vital para o partido de Matilda, sendo digno de destaque a invasão e conquista da Normandia por seu marido Geoffrey em 1144. Esta aliança é tão importante que, como salienta Elisabeth Van Houts, deixa sua marca na própria escrita da *Gesta Normannorum Ducum* (VAN HOUTS, 1980). Como já foi mencionado, o último grande escritor a colaborar para a construção da Gesta foi Roberto de Torigni, um partidário declarado da causa de Matilda, o que ele não busca esconder em sua escrita. Em sua contribuição para a Gesta ele busca destacar a legitimidade de Matilda ao trono inglês, inclusive lembrando sua ligação com a antiga casa real anglo-saxã de Wessex através de sua mãe, e Torigni também busca enaltecer a nobreza e valor da casa de Anjou, a quem Matilda estava unida por casamento, e da qual provinha um dos grandes apoiadores de sua causa, seu marido Geoffrey V de Anjou.

Na realidade, segundo Van Houts, a intenção de Roberto de Torigni ia além, com ele desejando uma continuação da Gesta narrando a história e os feitos dos condes de Anjou, agora que as casas normanda e angevina se cruzavam (VAN HOUTS, 1980). Dessa forma história e genealogia normanda e angevina se uniria nas páginas da Gesta da mesma forma que as casas se uniram no casamento de Geoffrey e Matilda, e mais ainda na figura de seu filho, Henrique.

O período turbulento da Anarquia somente tem fim quando Estevão aceita deixar o filho de Matilda e Geoffrey, Henrique como seu herdeiro, dessa forma reunificando o Ducado da Normandia e o Reino da Inglaterra novamente em um soberano único. Contudo, devemos lembrar que ao mesmo tempo em que Henrique é herdeiro da casa normanda e de seus territórios por sua mãe, ele também é filho e herdeiro do conde de Anjou, unificando as

duas dinastias em sua pessoa e ambos os territórios para criar o império angevino, uma das potências políticas mais expressivas deste mundo medieval.

A pergunta que se mantém é como os reis da dinastia capetíngia reagiram ao ver seus grandes rivais e vassallos ascenderem a dignidade de reis e depois construírem um verdadeiro império. Os reis francos por sua vez tentam ameaçar o poderio normando e depois angevino, seja pela guerra direta ou pela ação indireta, como o apoio prestado por eles a inimigos e rebeliões contra os soberanos normandos e angevinos. De qualquer forma, no tempo de Henrique II, como afirmou Daniel Powers, a rivalidade e disputa entre o soberano franco e seu vassallo angevino está bem viva e pode ser notada nas várias escaramuças e conflitos na fronteira entre as terras normandas e as terras reais francas, uma região que reflete muito como esta rivalidade entre os reis francos, futuros reis da França e os herdeiros da casa normanda, e agora reis da Inglaterra permaneceria bem viva em pleno século XII (POWER, 2004).

Considerações finais

Podemos concluir de nossa análise que a rivalidade entre os reis francos e os monarcas ingleses não existia até a intervenção normanda na Inglaterra em 1066. Parece ser claro que ao tomar posse da coroa da Inglaterra, Guilherme traz para este reino as consequências de suas políticas enquanto duque normando, inclusive a sua nova rivalidade com os seus suseranos, os monarcas da dinastia capetíngia, que até o governo de Guilherme era vista como um dos principais aliados normandos no continente.

Neste ponto, o Reino da Inglaterra que até então se mantinha relativamente afastado das políticas francas, é completamente trazido para dentro do quadro político franco, tendo seus interesses intimamente atrelados aos do ducado normando. Posteriormente quando o rei francês conquistar a Normandia e Anjou em 1204, a Inglaterra se tornara a grande herdeira destas políticas e relações forjadas pela dinastia normanda, que vivem então na casa real inglesa Plantageneta e terão consequências diretas na política inglesa, sobretudo no que tange a família real francesa, que continuará a ser seu grande rival e adversário, uma rivalidade que levará a séculos de conflitos e guerras, com destaque para a Guerra dos Cem Anos entre os séculos XIV e XV, e terá consequências até muitos anos depois.

Finalmente, cabe ressaltar o papel da casa angevina nesse contexto. Como foi dito, os condes de Anjou inicialmente se colocam como apoiadores dos reis francos contra os monarcas anglo-normandos. Porém conforme a realidade vivida se modifica, o

posicionamento angevino também se modifica, preferindo abandonar sua aliança com os reis franceses em virtude de uma união mais proveitosa com a casa normanda. O resultado desta união entre as casas normanda e angevina e a construção de um verdadeiro império, angevino no nome, mas um herdeiro vivo das políticas normandas, em especial de sua disputa e rivalidade com seus suseranos os reis franceses.

Referências

Fontes primárias

Gesta Normannorum Ducum, traduzido por GUIZOT, François. In: Collection de mémoires relatifs a L'Histoire de France. Paris: Chez J. L. J. Brière, Libraire. 1824.

MALMESBURY, William of. Chronicle of the Kings of England, from the earliest period to the reign of King Stephen. Por J. A. Giles. 1847.

Bibliografia

ABRAMS, Lesley. **Early Normandy**. Anglo-Norman Studies, 35, 2013, pp. 45-64.

ABRAMS, Lesley. England, Normandy and Scandinavia. In: A companion to anglo-norman world. Wodddbridge: Boydell & Brewer press, 2003.

BAUDUIN, Pierre. La première Normandie (Xe-XIe siècles): sur les frontières de la haute Normandie: identité et construction d'une principauté. Pôle universitaire normand, 2004.

BRESEE, Lauren Wood. **The Persistence of Scandinavian Connections in Normandy in the Tenth and Early Eleventh Centuries**. Viator, 8, 1977, pp. 47-62.

GREEN, J. A. Unity and desunity in the anglo-norman state. Historical Research, 62, 1989, PP 115-134.

LE PATOUREL, John. Normandy and England: 1066-1144. Reading: University of Reading, 1971.

MUSSET, Lucien. **Les relations extérieures de l'a Normandie du IXe au XIe siècle, d'après quelques trouvailles monétaires recentes**. Annales de Normandie, IV, 1954.

MUSSET, Lucien. Relations et échanges d'influences dans l'Europe du Nord-Ouest (Xe-XIe siècles. Cahiers de Civilisation Médiévale, Janvier-Mars, 1958, pp. 63-82.

MUSSET, Lucien. **Las invasiones. El segundo asalto contra la Europa Cristiana**. Barcelona: Labor, 1968.

POWER, Daniel. The Norman Frontier in the Twelfth and Early Thirteenth centuries. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

ROESDAHL, Else. What may we expect? On the problem of Vikings and archaeology in Normandy. In: FLAMBARD HÉRICHER, Anne-Marie (ed.). La progression des Vikings, des raids à la colonisation. Ruão: Publications de l'Université de Rouen, Cahiers du GRHIS, 2003, n° 14, pp. 207-214.

VAN HOUTS, Elisabeth (eds.). A Companion to the Anglo-Norman World. Woodbridge: Boydell & Brewer, 2003, pp. 19-42.

VAN HOUTS, Elisabeth. The Gesta Normannorum Ducum: a history without an end. In: Anglo-Norman Studies III: Proceedings of the Battle Conference. Woodbridge: Boydell & Brewer, 1980, pp. 106-118